

Medievalismo. Na França, o giro de 2009¹

Medievalism. In France, the 2009 turn

Vincent Ferré²



Como o termo medievalismo impôs-se em língua francesa para designar a recepção da idade média como equivalente ao termo *Mittelalterrezeption*³ e ao *neomedievalismo*? Será necessário voltar ao ano de 2009 e à organização, na França, de um colóquio intitulado *Medievalismo modernidade da idade média* (“Médiévalisme, modernité du Moyen Âge”), mais precisamente, ao castelo de Malbrouck e a Metz em novembro desse ano.

Esse título pretendia-se, às vezes, explícito e um pouco irônico, porque não era inédito e continha dois termos capciosos, assim como um neologismo. Em primeiro lugar, constituía uma variação de termos familiares aos pesquisadores francófonos. Assim, foi instalada uma série de conferências organizadas por Paul Zumthor em Beaubourg em 1979 (“Modernidade da idade média”) (ZUMTHOR, 1980); esse título lembrava, igualmente, ao da compilação publicada em homenagem a Roger Dragonetti em 1996, *A idade média na modernidade* (“*Le Moyen Âge dans la modernité*”) (GIRARDET; HICKS; SCHEIDEGGER, 1996). Por meio do subtítulo, *a idade média hoje* (“*le Moyen Âge aujourd’hui*”) do colóquio, encontrar-se-iam as palavras chave de todos os seminários, dos colóquios e das obras dedicadas a esta questão ao longo dos anos precedentes: *Tolkien hoje* (“*Tolkien aujourd’hui*”) em 2008, *O maravilhoso medieval hoje* (“*Le merveilleux médiéval aujourd’hui*”) em 2006, um seminário sobre *A idade média contemporânea* (“*Le Moyen Âge contemporain*”) em 2004-2006, sem esquecer do eco do nome da associação *Modernidades medievais* (“*Modernités médiévales*”) fundada em 2004. Poder-se-ia mesmo retornar aos anos 1980 por intermédio da *Modernidade na idade média* (“*Modernité au Moyen Âge*”) e do colóquio de Stanford, em 1998, e do título de um número da revista *Europe*, em 1983, *A idade média agora...* (“*Le Moyen Âge maintenant...*”).

Essas próprias variações constituem, por outro lado, uma ligação entre termos capciosos, além da *modernidade*, que se sobrepõe, mesmo que apenas temporalmente, à noção de idade média? Durante o colóquio de 2009, algumas intervenções mostraram que a resposta a essa pergunta, aparentemente óbvia, não a é. Esse título continua, enfim, um quase neologismo, o termo raro, *medievalismo*, não era, então, utilizado nesse sentido em francês; principalmente, quando nós o reencontrávamos, estava presente nos catálogos das bibliotecas. Ele havia sido, precisamente, escolhido por convidar à reflexão sobre o objeto e sobre os métodos do campo sobre os quais nos debruçamos, a saber – para o dizer por meio de uma fórmula rápida, mais coloquial – a recepção da idade média nos séculos posteriores, particularmente nos séculos XIX-XXI, em sua vertente criativa e em sua vertente erudita.



Por que ter organizado esse colóquio, nesta época específica, e por que promover o termo medievalismo? A bibliografia relativa ao medievalismo já continha inúmeros trabalhos⁴, mas as reflexões de ordem metodológica, geral ou teórica, eram raras nesta produção abundante. Na verdade, o trabalho começaria justamente em 2009, e o essencial estava por fazer. Esse colóquio visava, explicitamente, a contribuir para a construção de um quadro teórico e metodológico para a pesquisa em medievalismo, optando por um cruzamento disciplinar, o qual, igualmente, caracterizou o volume em que foi publicado (FERRÉ, 2010). Tratava-se de considerar a referência à idade média na literatura, no cinema, na música, na história, na política, na arquitetura e nos desenhos animados..., adotando uma perspectiva geral, sintética, mais do que uma abordagem monográfica sobre um autor ou um exemplo, independentemente, de qual fosse o seu interesse intrínseco, como isso é muito comum nos casos das compilações relevantes do medievalismo. O projeto era, sobretudo, analisar as “condições de possibilidade” de um trabalho nesse campo, cujo quadro teórico deveria, enfim, ser elaborado. Para citar Bachelard, “Antes de tudo, é necessário saber apresentar os problemas. E, em qualquer coisa que seja dita, na vida científica, os problemas não se colocam por eles mesmos [...]. Nada vem do nada. Nada é dado. Tudo é construído” (BACHELARD, 1993, p. 14). O estado atual dos trabalhos francófonos dedicados à recepção da idade média, aqui, conduzirá à reflexão sobre o papel desempenhado pela ausência de um termo unificador e, em seguida, ao recurso recente da utilização do termo *medievalismo* para pensar essas pesquisas.

Na França: um esboço (recente) de reflexão teórica

O exame da bibliografia revela um dinamismo crescente, tanto na França, como na Inglaterra e nos EUA desde os anos 2000, bem como um desequilíbrio muito forte entre a crítica e a teoria. À primeira vista, pensar-se-ia na existência de uma proeminência anglófona neste caso, contudo, contrariamente a essa visão, os trabalhos dedicados à recepção da idade média nas artes, em particular na literatura, multiplicaram-se na França, como também nos países francófonos, há quarenta anos. Assim, mencionam-se, entre as obras pioneiras, *L'image du Moyen Âge dans la littérature française de la Renaissance au xx^e siècle* da revista *Licorne*, em 1982, o colóquio em Stanford (editado, em 1990, por Brigitte Cazelles e Charles Méla) e o número da revista *Europe, Le Moyen Âge maintenant* (1983) anteriormente evocados. Os anos 1990 viram os eventos



científicos desenvolverem-se com o colóquio da Associação dos medievalistas anglicistas do ensino superior em 1994 – publicado por Marie-Françoise Alamichel e Derek Brewer em 1997 –, o colóquio de Cerisy em 1995 (editado por Jacques Baudry e Gérard Chandès), assim como aquele organizado por Michèle Gally em 1996, publicado em 2000, *O Traço medieval e os escritores de hoje* (“La Trace médiévale et les écrivains d’aujourd’hui”).

Mencionar esses nomes e essas datas permite uma primeira abordagem, mas seria mais exato dizer que cada década foi marcada por uma aceleração das atividades neste campo. Ao longo dos anos 2000, seminários foram organizados regularmente por Nathalie Koble e Mireille Séguy entre 2004 e 2006 na Escola Normal Superior de Paris na rua Ulm; além disso, publicaram as intervenções desses seminários (KOBLE; SÉGUY, 2007; KOBLE; SÉGUY, 2009). Outros seminários foram organizados também por Michèle Gally, em 2005-2006, em seguida, em 2009-2010 na Escola Normal Superior de Lyon na université de Provence. Vincent Ferré e Anne Larue também organizaram seminários na Paris 13 em 2007. Paralelamente, a associação Modernidades medievais (“Modernités médiévales”) coordenou um colóquio anual sobre a literatura e as artes em Lorient em 2005 (GUERN, 2006), em Arras em 2006 (BESSON; WHITE, 2007), em Aix em 2007 (BURLE; NAUDET, 2010), em Bordeaux em 2008 (ABIKER; BESSON; PLET-NICOLAS, 2009) e em Paris em junho de 2009 (BESSON; FERRÉ; LARUE, 2009), antes de uma primeira abertura europeia em Lausanne em outubro de 2010 – repetida em 2008-2012 pelas manifestações organizadas por membros da associação, à semelhança dos colóquios “Tolkien aujourd’hui” em junho de 2008 em Rambures e “Tolkien et les Inklings” em 2012 em Cerisy-la-salle (DEVAUX; FERRÉ; RIDOUX, 2010). No entanto, foi em novembro de 2009, no castelo de Malbrouck em Metz, depois em Groningen nos Países Baixos, que o propósito se centrou sobre o *medievalismo*.

Os trabalhos, as monografias ou as atas de colóquios, realçam, com efeito, frequentemente, um trabalho *crítico* pela extensão e pela diversificação dos objetos, ou pela retomada, como destaca Gérard Chandès, na ocasião do quarto colóquio “Modernités médiévales”, em Bordeaux em 2008, “A maioria das intervenções propôs-se mais descritiva do que analítica, o que é lógico para uma área de estudo em vias de delimitação (CHANDÈS, 2009, p. 393-398). Então, pareceu que um limite foi acumulado nesta acumulação de comentários críticos e que as repetições das críticas constituíam um índice; os temas começavam a se repetir.

Um dos sinais mais comprobatórios da situação mencionada



anteriormente é que, nestas compilações, obras coletivas ou atas de colóquios, extremamente representadas nessa bibliografia, da melhor forma possível, a introdução propõe um quadro e se situa em um plano mais abstrato do que os estudos de caso que ela apresenta. Todavia, mais frequentemente, ela se limita a anunciar os artigos, quando não está completamente ausente em certas obras. Simetricamente, raros isolados volumes de atas propuseram, sob a forma de uma conclusão, um balanço da reflexão desenvolvida coletivamente à semelhança do livro de Michèle Gally *La Trace médiévale* e do volume de Laura Kendrick, Francine Mora e Martine Reid *Le Moyen Âge au miroir du XIX^e siècle (1850-1900)* publicado em 2003.

A escolha do “florilégio” é explícita desde o volume que abre, cronologicamente, esta bibliografia, *L'image du Moyen Âge dans la littérature française de la Renaissance au XX^e siècle* de 1982. Os capítulos sucessivos, correspondentes às meia-jornadas do colóquio, optam, parcialmente, por um reagrupamento de ordem genérica: uma secção sobre os dramaturgos (Maertelinck, Audiberti...) é seguida por outra sobre a poesia (Boileau, Péguy, Aragon...), antes que uma categoria estranha, a *fantasia* (na qual se encontra Rabelais, Diderot, Chateaubriand, mas também Giraudoux e Queneau) viesse romper a série que foi retomada com o romance (Sade, Huysmans...). Desde então, poder-se-ia esperar que um texto desse unidade ao volume. Ora, as vinte linhas do “prólogo” destacando seguramente a escolha de Poitiers, “cidade medieval”, como lugar do colóquio e a vontade de solicitar aos especialistas, em diferentes séculos, a proposição de “um primeiro sobrevoo, uma simples visão panorâmica sustentado, aqui ou acolá, pelas precisões de comunicações pontuais” (L'IMAGE, 1982, p. 11-28). Nele, na verdade, encontram-se praticamente apenas estudos de casos.

Em outros volumes, assinalando os estudos medievais, os textos sobre a recepção da idade média, à época moderna, foram, simplesmente, colocados no fim. Para dar dois exemplos, entre outros, a diferença entre os dois domínios – “medievalística” e “medievalismo” – foi apenas explicitada nas atas do XV congresso da sociedade internacional arturiana (HOECKE; TOURNOY; VERBEKE, 1991). Os quatro últimos textos, abordando o século XIX, foram, assim, integrados a uma série de artigos relativos à “expansão da ‘Matéria da Bretanha’⁵ e às adaptações e modificações que ela conheceu” sem que as quatro exceções, cuja introdução indica somente que eles evocam “a sobrevivência da ‘Matéria da Bretanha’ no período atual” (HOECKE; TOURNOY; VERBEKE, 1991, p. 10), sejam distinguidas dos textos relativos ao período medieval e sem que



esses últimos sejam eles mesmos reagrupados em uma parte. O ordenamento aparece implicitamente regido pela história literária e pela cronologia. Poder-se-iam ser feitas observações análogas sobre as atas editadas por Claude Lachet *L'œuvre de Chrétien de Troyes dans la littérature française...* em 1997, cujos objetos de estudo parecem possuir uma legitimidade imanente, oriunda do fato de sua recorrência nas obras dedicadas à recepção da idade média, sem que essa tautologia seja consciente: tais filmes (*L'Éternel retour* de Cocteau, *Lancelot du Lac* de Bresson...) e tais obras (de Roubaud e Gracq) foram apresentadas como temas evidentes.

Terminemos, sobretudo, esta análise da bibliografia, então corrente, com a evocação de algumas compilações cujos títulos eram promissores, mas que se revelaram decepcionantes. Assim, *Moyen Âge dans la modernité: estas Mélanges offerts à Roger Dragonetti* (compilações oferecidas a Roger Dragonetti) continha textos sobre a literatura medieval (*Le Roman de la Rose* e a *Vengeance Raguidel...*) ou sobre a literatura clássica e moderna (Pascal, Hölderlin) até o século XX (Genevoix, Butor e Proust). Desta vez, o ordenamento foi feito segundo um princípio de entrelaçamento dos artigos, evocando a pluralidade dos centros de interesse de Dragonetti. Mas nenhum prefácio interroga-se sobre essa escolha nem explicita a associação entre medievalismo e medievalística, visto que o único texto introdutório é uma recensão biográfica e bibliográfica. Observando esta “biblioteca do medievalista”, a qual não trazia esse nome (medievalismo) em francês ao fim dos anos 2000, podia-se então se questionar qual lugar os estudos medievais guardavam para a recepção/recriação da idade média, que aparecia nas margens, como um objeto de estudo nascido deles, acolhido por eles, mas sem status particular, nem mesmo nome.

Nesta bibliografia, na qual predominavam os trabalhos dos medievalistas, alguns textos distinguiam-se pelo desenvolvimento reflexivo, particularmente *La Trace médiévale et les écrivains d'aujourd'hui* de Michèle Gally e outras duas obras coletivas dirigidas por Nathalie Koble et Mireille Séguy *Le Moyen Âge contemporain: perspectives critiques*, em 2007 e *Passé présent. Le Moyen Âge dans les fictions contemporaines*, em 2009. Esses três livros privilegiam, cada um, um ângulo particular: a reflexão em torno da uma bela imagem (a remanescência), a memória e a retomada da ação autoral. No primeiro e no segundo casos, há uma defesa em favor de um anacronismo deliberado, o que é uma tomada de posição no contexto dos estudos medievais. No terceiro, há uma interrogação sobre os laços entre a literatura “experimental” da modernidade e a literatura medieval. Pensamos igualmente na importante introdução do livro Brigitte Cazelles e



Charles Méla na *Modernité au Moyen Âge: le défi du passé* de 1990; mas esse texto interessa-se pela “modernidade na idade média” e pelos traços que nós reconhecemos como modernos no seio dessa época, o que é uma perspectiva diferente da forma de pensar medievalista⁶ (CAZELLES; MÉLA, 1983, p. 7). Enfim, o único pesquisador “não medievalista” que pode ser mencionado aqui, Gérard Chandès (2006), foi quem observou essas questões de maneira mais geral e teórica em sua obra *Sémiosphère transmédiévale: un modèle sémiopragmatique d’information et de communication appliqué aux représentations du Moyen Âge*. Examinando um corpus variado, essa análise questiona a imagem desse período em públicos variados, as conotações associadas, a percepção do passado e as razões da predominância da idade média no imaginário coletivo, infelizmente, esse estudo nem sempre teve a repercussão merecida.

Se comparamos a situação da pesquisa francófona aos trabalhos anglófonos, perceber-se-á que a reflexão sobre a recepção da idade média fora realizada exclusivamente por medievalistas até 2004 – com o nascimento das “Modernidades medievais” (*Modernités médiévales*) – e sem que a perspectiva *medievalista*⁷ (*médiévaliste*) afixasse-se como tal antes do colóquio pluridisciplinar de Metz-Malbrouck.

Nome de domínio, o nome: medievalismo

Um dos objetivos do colóquio de 2009 era de o colocar à prova a utilização e a pertinência do recurso ao substantivo *medievalismo* para designar esse domínio que estava em emergência desde 1980. Além disso, parecia necessário o estabelecimento de um acordo sobre os termos para limitar certos mal-entendidos e para constituir um quadro metodológico capaz de evitar obstáculos frequentemente encontrados.

É evidente que a ausência de um termo de referência, de uma terminologia “oficial”, do lado francês até 2009, é sintomática da flutuação metodológica de numerosos trabalhos; remediar esta indecisão, *fazer experiência* com denominações concorrentes, manifestadamente, permitiu, nestes dez últimos anos, clarificar certas questões implícitas e impensadas, de recolocar em questão a ideia de que todas as variantes equivalem-se. À época, reinava, com efeito, certa pluralidade; uma série de termos e de expressões para designar a *modernidade da idade média* (*modernité du Moyen Âge*⁸) e a *idade média contemporânea*.... Pelo contrário, parece desejável levar em consideração os usos e as necessidades (diversas) de precisão para determinar o grau de rigor



terminológico. Ao longo dos anos, foi confirmado que *neo-medieval* convém para uma obra, caso se trate de a designar, incluindo um estudo sobre uma outra questão. Mas se nos concentramos sobre a relação com a idade média, *medievalismo* (como *medievalista*, substantivo, para designar um indivíduo, e um adjetivo para definir uma obra), o medievalismo tem coerência lexical (em sua derivação) e ainda diversos interesses determinantes como o de evocar uma aproximação imediata ao seu equivalente anglófono.

Em 2009, por essa razão, o termo foi fixado no momento de elaborar o primeiro colóquio capaz de reunir pesquisadores americanos e europeus em Groningen em julho de 2010. É bem evidente a relação lexical entre o *medievalism* (medievalismo) anglófono e o *médiévalisme* (medievalismo) francófono – termo empregado por autores dessas linhas, desde 2007, em artigos, e ainda retomados em lugares de difusão do saber universitário com grande visibilidade como o site literário *fabula.org* (FERRÉ, 2007). Essa relação conduziu aos primeiros contatos entre a associação americana *Studies in Medievalism* e alguns membros da *Modernidades medievais*, os quais valorizavam o trabalho sobre o medievalismo.

Rapidamente, as primeiras reservas em relação ao termo cederam diante à sua utilidade. Inicialmente, *medievalismo* não pareceu muito familiar a certos pesquisadores, já a outros pesquisadores, remetia apenas aos estudos medievais, porque o considerávamos como sinônimo de *medievismo*, presente nos catálogos sob a forma de uma entrada para os estudos medievais (cf. *medievismo*). Pareceu-me que, ao contrário de 2009, em que um dos interesses desse quase neologismo consistia nesta necessidade de ressemantizar, de lhe conferir um sentido capaz de unir os trabalhos desenvolvidos, há décadas, por medievalistas especializados em literatura, por historiadores, por historiadores da arte, pelos “modernistas”; frequentemente, esses trabalhos paralelos ignoravam-se mutuamente, desconhecidos de um país ao outro.

Essa aposta continha certo risco, mas enfim nomear, com rigor, o domínio sobre o qual nós trabalhamos com objetivo de esclarecer, para uma melhor reflexão acerca de suas implicações, os seus métodos e os seus limites, assim como as convergências possíveis de abordagens aparentemente distanciadas, voltando aos nossos procedimentos, em suas diversidades, permitiu, em 10 anos, ultrapassar muito as fronteiras linguísticas e disciplinares. Além disso, o colóquio de Groningen, em 2010, com seu duplo título “Medievalismo: diálogos transatlânticos” (“Médiévalisme : dialogues transatlantiques / Medievalism: Transatlantic Dialogues”) teve a colaboração Américo-europeia



repetida, em 2014, em Atlanta, onde houve o colóquio “Transferências da cultura: medievalismos em movimento” (“Transfers of Culture: Medievalisms on the Move”). Essa cooperação também foi repetida em publicações, como, por exemplo, *Medievalism: Key Critical Terms*, dirigida por Elizabeth Emery e Richard Utz, em 2014, e também no número especial *Medievalism in the Age of COVID-19: A Collegial Plenitude Medievally Speaking*, mai 2020) e em uma rede, geralmente, fechada aos pesquisadores não anglófonos. Dez anos mais tarde, na França, a pesquisa universitária junto às mídias, ao rádio, à imprensa escrita, aos colóquios e aos lugares de difusão do saber com grande visibilidade (e.g. *fabula.org*), o termo *medievalismo* parece, doravante, tão natural que a gente, às vezes, esquece a história do termo “medievalismo” lembrada aqui.

Referências

ABIKER, Séverine; BESSON, Anne; PLET-NICOLAS, Florence (dir.) *Le moyen âge en jeu*. Pessac: Presses Universitaires de Bordeaux, 2009. Atas do Colóquio de Bordeaux.

BACHELARD, Gaston. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 1993.

BESSON, Anne; WHITE, Myriam (dir.). *Fantasy: le merveilleux médiéval aujourd'hui*. Paris: Editions Bragelonne, 2007. Atas do Colóquio do CRELID Arras.

BESSON, Anne; FERRÉ, Vincent; LARUE, Anne. *La fantasy en France aujourd'hui*. Villetaneuse: Université Paris 13-Paris Nord, 2009. Atas do Colóquio de Paris.

BIBLIOGRAPHIE analytique. *Modernités Médiévales*, [S. l., 2020]. Disponível em: <https://modmed.hypotheses.org/bibliographie>. Acesso em: 4 ago. 2020.

BURLE, Élodie; NAUDET, Valérie (dir.). *Fantasmagories du moyen âge: entre médiéval et moyen-âgeux*. Provence: Presses universitaires de Provence, 2010. Atas do Colóquio de Aix-en-Provence.

CAZELLES, Brigitte (dir.). *Modernité au moyen âge: le défi du passé*. Genebra: Librairie Droz, 1990.

CAZELLES, Brigitte; MÉLA, Charles (dir.). *Le moyen âge maintenant*. *EUROPE, Revue littéraire mensuelle*, Paris, n. 654, out. 1983.

CHANDÈS, Gérard. Conclusion. In: ABIKER, Séverine ; BESSON, Anne; PLET-NICOLAS, Florence (dir.) *Le Moyen Âge en jeu*. Pessac: Presses Universitaires de



Bordeaux, 2009. p. 393-398. Atas do Colóquio de Bordeaux.

CHANDÈS, Gérard. *Sémiosphère transmédiévale: un modèle sémiopragmatique d'information et de communication appliqué aux représentations du Moyen Âge*. 2006. Tese (Doctorat) – Centre d'Etudes et de Recherches Sémiotiques, Université de Limoges, Limoge, 2006.

DEVAUX, Michaël; FERRÉ, Vincent; RIDOUX Charles (dir.) *Tolkien aujourd'hui*. Valenciennes: Presses de l'université de Valenciennes, 2010. Atas do Colóquio de Rambures.

EMERY, Elizabeth; UTZ, Richard (ed.). *Medievalism key critical terms*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2014.

FERRÉ, Vincent (dir.). *Médiévalisme, modernité du Moyen Âge*. Paris: ILTC, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/itineraires/1782>. Acesso em: 4 ago. 2020.

FERRÉ, Vincent. *Médiévalisme: le risque d'une lecture fantasmagorique. Fábula*, Paris, 2007. Disponível em https://www.fabula.org/atelier.php?M%26acute%3Bdi%26acute%3Bvalisme_%3A_le_risque_d%27une_lecture_fantasmagorique. Acesso em: 4 ago. 2020.

GALLY, Michèle (dir.). *La trace médiévale et les écrivains d'aujourd'hui*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

GIRARDET, Sabine; HICKS, Eric; SCHEIDEGGER, Jean. *Le Moyen âge dans la modernité: mélanges offerts à Roger Dragonetti*. Paris: Honoré Champion, 1996.

GUERN, Isabelle Durand-Le (dir.). *Lectures du Moyen Âge*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2006. Atas do Colóquio de Lorient 2005.

HOECKE, Willy; TOURNOY, Van Gilbert; VERBEKE, Werner (dir.) *Arturus Rex*. Louvain: Leuven University Press, 1991. v. 2.

KENDRICK, Laura; MORA, Francine; REID, Martine. *Le Moyen Âge au miroir du XIX^e siècle (1850-1900)*. Paris: Editions L'Harmattan, 2003.

KOBLE, Nathalie; SÉGUY, Mireille (dir.). *Le Moyen Âge contemporain: perspectives critiques*. Paris: Armand Colin, 2007.

KOBLE, Nathalie; SÉGUY, Mireille (dir.). *Passé présent: le moyen âge dans les fictions contemporaines*. Paris: RUE D'ULM, 2009.



L'IMAGE du Moyen age dans la littérature française de la Renaissance au XX siècle. *La Licorne*, Poitiers, v. 2, n. 6, 1982.

LACHET, Claude. *L'œuvre de Chrétien de Troyes dans la littérature française: Réminiscences, résurgences et réécritures*. Lyon: C.E.D.I.C.: Université Jean Moulin, 1997.

PERSPICUITAS. Bibliographien. Duisburg-Essen: Universität Duisburg-Essen, 2018. Disponível em: <https://www.uni-due.de/perspicuitas/bibliographien.php>. Acesso em: 4 ago. 2020.

ZUMTHOR, Paul. *Parler du moyen âge*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

Notas

¹Uma versão do presente texto foi publicada como uma introdução do livro *Médiévalisme, modernité du Moyen Âge* de 2010. Essa introdução foi retomada e atualizada retrospectivamente dez anos mais tarde.

²Professor de Literatura geral e comparada da université Paris-Est Créteil e membro do grupo de pesquisa *Fabula*. Artigo traduzido por Clínio de Oliveira Amaral.

³N.T. Do alemão recepção da idade média.

⁴Para o período entre 1980 e 2000, cf. a bibliografia online (em alemão) de Richard Utz e de Aneta Dygon (PERSPICUITAS, 2018) e para o período de 1980 e 2015, cf. aquela proposta no site *Modernités médiévales* (BIBLIOGRAPHIE..., [2020]).

⁵N.T. Trata-se, *grosso modo*, do nome atribuído às lendas de origem celta e relativas às histórias da Bretanha e das Ilhas Britânicas, entre muitas outras, estão aquelas sobre o rei Artur e os seus cavaleiros.

⁶N.T. Em francês, o autor utilizou o adjetivo *médiévaliste*, aqui traduzido como *medievalista*, como uma derivação do substantivo medievalismo. Contudo, ele se referiu ao campo de estudos do medievalismo que, na ocasião, não existia como tal na França. Assim, apesar da confusão inicial gerada pelo neologismo do autor, ele destacou que a forma como Brigitte Cazelles e Charles Méla pensaram a modernidade *na* idade média é diferente e deve ser considerada como distinta da realizada pelos estudos desenvolvidos no campo do medievalismo.

⁷N.T. Tal como explicado anteriormente, o autor quer destacar a ideia do medievalismo, mas manteve o uso do adjetivo em francês para sublinhar a inexistência de um campo de estudos denominado pelo supramencionado termo

⁸Além dos títulos dos colóquios citados anteriormente, notar-se-á que o periódico *Cahiers de recherches médiévales* (<https://journals.openedition.org/crm/>) propôs uma seção “Modernidade da idade média” desde 2007 e que a associação “Modernidades medievais” fora criada em 2004.